

## APARÊNCIA E ESSÊNCIA

*“O que é mal feito não tem futuro;  
o que é bem feito não tem fronteiras”.*

*Ditado Catalão*

Na madrugada de 2 de abril de 1989 o túmulo de Allan Kardec no cemitério Père Lachaise, de Paris, foi danificado por um atentado a bomba, posteriormente reivindicado por um autodenominado “Movimento pela Supremacia da Razão”. A natureza emblemática daquele insólito acontecimento ficou gravada na minha mente, principalmente pela inexistência de qualquer repercussão no ambiente espírita. Como entender que em toda a cosmopolita Paris aquele “movimento” não encontrasse nada mais representativo da irracionalidade humana que o túmulo de Kardec? Como explicar, por outro lado, que o Movimento Espírita não questionasse as razões desta absurda escolha; não buscasse refletir sobre ela mais profundamente? Para os autores do atentado, o Espiritismo parecia ser simples e perigosa credence e, portanto, um insulto à razão. Esta, pelo menos, seria a forma pela qual os espíritas eram vistos naquele contexto. Analisando o fato não podemos desconsiderar a possibilidade de os espíritas terem fracassado na divulgação de uma imagem mais verdadeira da filosofia espírita, criando assim espaço para a manifestação brutal deste anacrônico “fundamentalismo racional”.

Ora, nenhuma filosofia espiritualista é mais ventilada, assectária, progressista e racional que o Espiritismo cujos princípios fundamentais, pela sua logicidade e clareza, possuem características que podem ser facilmente universalizadas, dependendo somente de alguns avanços no campo das pesquisas sobre a reencarnação e a sobrevivência do espírito.

Esta perspectiva auspiciosa é, porém, obstaculizada pela dura realidade. Um século e meio depois de seu lançamento o Espiritismo continua marginalizado. Sua proposta filosófica fundamentada em uma ciência de observação e com um método de pesquisa e reflexão centrado na dúvida ainda não conseguiu sensibilizar os meios acadêmicos. Esta resistência se deve a múltiplos fatores. A maioria deles, porém, nada tem a ver a ver com aquilo que o Espiritismo realmente é, ou seja, ele é discriminado muito mais pela aparência do que pela essência.

Emille Durkheim, um dos pais da sociologia, disse na obra “Formas elementares da vida religiosa” que “Uma sociedade não é constituída meramente pela massa de indivíduos que a compõem, pelo território que ocupam, pelas coisas que usam e os movimentos que executam; acima de tudo está a ideia que ela forma de si mesma”. Para compreender a forma pela qual somos vistos é preciso reconhecer que a autoconsciência que um grupo elabora de si mesmo é um dos fatores explicadores do seu comportamento. Que ideia forma o movimento espírita de si mesmo? Qual a auto-imagem predominante determinando nosso comportamento e a conseqüente imagem que projetamos?

Não é preciso ser observador muito arguto para perceber a predominância de atitudes e de modelos de compreensão que discrepam do autêntico pensamento espírita, como sejam: postura fortemente salvacionista supervalorizando conceitos como Terceira Revelação, Consolador Prometido, Brasil coração do mundo etc; linguagem afetada, religiosa, de quem fala em termos de eternidade; uma certa arrogância, travestida de humildade, característica do detentor da verdade; valorização da fé em detrimento da razão e, por último, o tão reprovado por Kardec “espírito de sistema”, que nos dispensa da verificação experimental.

Se concordarmos que o Espiritismo não guarda relação estreita com esta imagem, algo deverá ser feito, e por nós espíritas. É preciso remover este invólucro, esta máscara que esconde o pensamento espírita para que um dia sua essência seja sua aparência.

O Espiritismo foi bem feito e tem futuro. O problema é que foi mal embrulhado.

*Maurice Herbert Jones, ex-Presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul; ex-Presidente do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre; ex-Assessor Especial da Presidência da CEPA.*